

Philippe Erikson
Universidade de Paris X

Eduardo Viveiros de Castro. 2000.
Araweté. O Povo do Ipixuna.
Apresentação Beto Ricardo.

Curt Nimuendajú. 2000.
Cartas do Sertão de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira.
Apresentação e notas Thekla Hartmann.

Patrick Menget. 2001.
Em Nome dos Outros. Classificação das relações sociais entre os Txicão do Alto Xingu.
Apresentação Eduardo Viveiros de Castro.

Aristóteles Barcelos Neto. 2002.
A Arte dos Sonhos. Uma Iconografia Ameríndia.
Prefácio Elsje Maria Lagrou.

Lúcia Hussak van Velthem. 2003.
O Belo é a Fera. A estética da produção entre os Wayana.
Apresentação Dominique T. Gallois.

Lisboa: Museu Nacional de Etnologia / Assírio & Alvim. Coleção Coisas de Índios.

Tanto pela abundância quanto pela qualidade das obras produzidas, a coleção «Coisas de Índios», publicada na proporção aproximada de um volume por ano, está em vias de se tornar uma referência indispensável para aqueles que se interessam pelas populações indígenas da Amazônia brasileira.

À primeira vista, os textos publicados conjuntamente pelo Museu de Etnologia de Lisboa e pelo editor Assírio & Alvim poderiam parecer díspares. O conjunto constitui-se de uma monografia soberbamente ilustrada e acessível ao grande público (Viveiros de Castro), de uma coleção de cartas enviadas do campo entre 1923 e 1942 (Curt Nimuendajú), de duas teses de doutorado defendidas quase com

20 anos de intervalo (Menget 1977 e Van Velthem 1995) e de uma tese de mestrado bastante recente (Barcelos Neto 1999). Entretanto, quaisquer que sejam as épocas e o *status* bastante heterogêneo, tais obras têm em comum o fato de serem representativas do que a etnologia das terras baixas tem até aqui produzido de melhor. Além disso, a coerência do conjunto tira proveito do acaso, pois ainda que pertencentes a diversas famílias lingüísticas (Tupi, Caribe, Arawak, Jê), as populações abrangidas por estes estudos se situam majoritariamente em um eixo setentrional que segue o curso do rio Xingu.

A primeira obra da coleção, consagrada aos Araweté do rio Ipixuna, apresenta-se como um ensaio fotográfico acompanhado de um texto bastante denso, ainda que se dirija a um público de não especialistas (os termos técnicos, como «ego» ou «couvade», são, por exemplo, explicados nas páginas 126 e 145). A beleza das imagens – são aproximadamente 60 fotos, a metade delas em cores – suscita tanto a admiração quanto a sutileza com a qual se harmonizam com o texto. Além de sua esplêndida iconografia, o principal interesse da obra é tornar acessível a um grande número de leitores uma das etnografias mais influentes da segunda metade do século XX. Encontramos ali, ademais, úteis desenvolvimentos consagrados à história (trágica) do contato que se estabeleceu no curso dos anos 1970, assim como à difícil situação política dos Araweté vinte anos depois. O autor nos descreve sem rodeios as ameaças que pesam contra seus companheiros, invadidos pelas empresas de exploração florestal e confrontados com os funcionários da FUNAI e também com os missionários cujas atividades são descritas com algum humor, mas sem a menor complacência (:200-201). Compreende-se desde então o pequeno encanto que exerce sobre os ameríndios uma cultura, a nossa, cujas palavras-chave se resumem, segundo o autor, a «dinheiro, estado, propriedade, tabus sexuais, divisão do trabalho, miséria, herança escravocrata, dominação...” (:199).

Ainda que igualmente acessíveis ao grande público, as soberbas *Cartas do Sertão* enviadas por Curt Nimuendajú a seu colega e mecenas Carlos Estevão de Oliveira entre 1923 e 1924 interessarão mais particularmente aos apaixonados pela história da disciplina. Eles descobrirão, entre outras coisas, porque Nimuendajú recusou-se a acompanhar Lévi-Strauss aos Nambiquara em 1937 (:271-272). Além dos dados etnográficos que elas contêm (particularmente sobre os Timbira, os Apinayé, os Palikur e os Tikuna), essas quase 90 cartas têm o imenso mérito de revelar as condições inacreditavelmente difíceis em que trabalhava esse precursor da observação participante, «alemão de nascimento, brasileiro por adoção e índio por identidade e afeição», para tomar uma citação utilizada pela prefaciadora, Thekla Hartmann (:29). Encontra-se nesta correspondência uma mina de informações sobre a museografia e sobre os grandes americanistas da época (Rivet, Nordenskiöld, Preuss, Krause, De Goeje, Métraux, Ehrenreich, Koch-Grünberg...). Tais dados são ainda mais apaixonantes com as 252 notas de uma precisão admirável permitindo contextualizá-las perfeitamente.

Através dessas cartas encontra-se igualmente um homem de rara sensibilidade, angustiado tanto pelo avanço do nacional-socialismo na Europa (:205) quanto pela xenofobia que ele enfrenta cotidianamente no Brasil (:221). Diante de tantos motivos de desgosto, o principal consolo de Nimuendajú reside em suas excelentes relações mantidas com os ameríndios. Numerosas passagens atestam isso, como este extrato comovente de uma

narrativa de uma estada de 1925 entre os Palikur: «Cachiri muito! Bebi um bocado e estava bom – bom mêmo. Mas o resultado foi que depois, quando o ar se encheu com o cheiro do cachiri misturado com o aroma do urucu fresco, quando os maracás tiniam nas pontas das varas compridas e o terreiro estremeceu ao ritmo da dança, me voltou tão vivamente a recordação daquele tempo quando eu fiquei homem entre os Guarani que não pude mais resistir; tirei os sapatos e entrei no meio» (:78).

A obra de Patrick Menget, de uma tecnicidade nitidamente maior do que a das duas obras precedentes, não se apresenta menos acessível ao público em geral, exceção feita talvez aos capítulos exclusivamente consagrados ao sistema de parentesco. Trata-se de uma monografia de um grupo caribe, os Ikpeng (também conhecidos como Txicão). Os americanistas se regozijaram de ver enfim publicada esta obra que teve um papel precursor na etnografia das terras baixas da América do Sul e cuja versão manuscrita tem sido regularmente citada no curso dos últimos vinte anos, sendo uma das primeiras a sublinhar e a analisar em detalhe este “imperativo categórico ‘cultural’” que constitui, aos olhos dos ameríndios, “a necessidade intelectual e moral de substituir os mortos por prisioneiros” (p. 158). Como sublinha Viveiros de Castro em seu prefácio, vêem-se ali as premissas desses conceitos de um alcance heurístico inegável que os amazonistas têm desde então rebatizado como “predação ontológica”, “alteridade constituinte”, ou ainda, “predação familiarizante”. A etnografia sobre os Ikpeng apresenta ainda a particularidade de esclarecer os outros textos publicados na série “Coisas de Índio”, pois que se pode dizer, apenas simplificando, que elas são ou foram ligadas – politicamente, culturalmente ou historicamente – ao mesmo tempo aos Waujá, aos Araweté e aos Wayana, sobre os quais tratam as outras obras.

Partindo da constatação de que o conceito de arte, puramente ocidental, não esclarece nada seus materiais xinguanos, Aristóteles Barcelos Neto propõe-se, como bom etnólogo, a analisar a produção gráfica dos Waujá do alto Xingu à luz de sua própria visão de mundo. O resultado é uma obra ilustrada por nada menos que 70 figuras, que tratam tanto de xamanismo e cosmologia quanto de motivos abstratos ou de desenhos figurativos que constituem o essencial do *corpus*. O ir e vir constante entre o visível e o ostensível ilustram com brio como “a produção de imagens figurativas evoca sentimentos de diversas ordens, fundamenta ontologias e organiza as experiências humanas através da própria ação criadora de artefatos” (:248). O leitor se regozijará ainda mais porque as pinturas corporais e a vida ritual dos Xinguanos jogam um papel crucial na “imagem” que os ocidentais fazem da indianidade. Como lembra a prefaciadora Elsje Lagrou: “[a] conjuntura histórica [...] permitiu aos povos do Alto Xingu uma dedicação quase exclusiva à ‘política imagética’, tanto nas suas intensas relações intertribais [...] quanto nas suas relações com a sociedade nacional, onde a importância da visibilidade estética da identidade étnica foi entendida muito antes desta estratégia se tornar moda. E assim, o Alto Xingu se tornou o cartão postal da indianidade autêntica brasileira» (p.19). Esta obra consagrada ao que Barcellos Neto chama de «cultura visual» dos Wauja pode então ser lida tanto por sua dimensão política quanto pelo que ela contribui no plano estético.

De todas as obras resenhadas aqui, a obra de Lucia van Velthem é provavelmente aquela que encarna melhor o espírito da coleção “Coisas de Índios”. Como aquela de Eduardo Viveiros de Castro, ela é magnificamente ilustrada

(45 croquis e 40 fotos, das quais 11 são coloridas); como aquela de Patrick Menget, representa uma contribuição destacada à etnografia dos povos de língua caribe (Wayana, no caso); mas sobretudo, como aquela de Aristóteles Barcellos Neto, inscreve-se numa óptica museográfica resolutamente nova, na medida em que dedica atenção tanto aos objetos intelectuais quanto aos objetos concretos. Dito de outro modo, longe de se demorar pesadamente sobre alguns artefatos empoeirados para ilustrar a “cultura material” de tal ou qual etnia, o caminho se constitui a partir das lógicas sociais e dos critérios estéticos endógenos para mostrar como se chega às vezes a encontrar uma expressão materializada em uma cestaria, uma clava, uma máscara, a decoração de um telhado ou de um corpo pintado com urucum ou com jenipapo. Trata-se, em suma, de expor o resultado de uma troca intelectual frutífera, antes que o produto de uma pilhagem; de se prender menos aos recortes arbitrários próprios de nossa tradição acadêmica que às categorias pertinentes ao universo wayana. Um leitor pouco familiarizado com a etnografia sulamericana se surpreenderá, sem dúvida, à primeira vista, com a ocorrência da noção de “predação” no título deste livro. Mas uma vez concluída a leitura – convencido de que aos olhos dos Wayana dar uma forma ou uma aparência equivale a conferir poderes – parecerá evidente que “o belo é a fera”.

As obras desta coleção – todas introduzidas por eminentes prefaciadores – tem cada uma seus méritos respectivos. Entretanto, todas ilustram uma abordagem da disciplina que recusa dissociar as questões de estética e de organização social, o estudo da cultura material daquele da cosmologia. Todas partilham o maior interesse pelos contextos políticos nos quais se desenrolam as pesquisas etnológicas e traduzem uma profunda ligação com a causa indigenista. Não há mais que uma coisa a desejar a «Coisas de Índios»: boas vendas e boa estrada.

Tradução: Edilene Coffaci de Lima (PPGAS – UFPR)

Revisão: Philippe Erikson

NOTAS

- 1 Texto publicado em *Recherches en Anthropologie au Portugal* 10, 2004, pp.172-176.

Philippe Erikson doutorou-se pela Universidade de Paris X, instituição na qual é atualmente professor. Publicou o livro *La Griffes des Aïeux. Marquage du corps et démarquages ethniques chez les Matis d'Amazonie* (1996).